

Portugal: Territórios e Protagonistas

Permitam-me que teça algumas considerações, alguns reparos e também algumas preocupações de alguém que já está cada vez mais perto o fim do caminho porque sempre lutou, mas não sente, nem arrependimento, nem propriamente desgosto.

Tenho a consciência de que fiz o melhor que soube e pude e ainda que semeador menor que tenha sido, ajudei a fazer-se uma plêiade de jovens que pelos seus próprios passos têm hoje um estatuto que, quiçá, sem eles eu não teria alcançado.

Quer dizer, se não fui acaso protagonista, eles são-no hoje já, embora nem sempre – como aliás tantas vezes sucede - outros os não queiram reconhecer.

“Portugal: Territórios e protagonistas” é, presumo, a síntese introdutória dos trabalhos que vão decorrer nestes dias vimaranenses onde se acolheram os estudos de Geografia da jovem mas já vigorosa Universidade do Minho. Aqui onde, segundo criteriosamente se diz, nasceu a Pátria de todos nós, o que é bom augúrio.

Aqui começou um território que se alargou a espaços e dimensões que Afonso Henriques não poderia ter imaginado, criando novos territórios até aos limites das costas atlânticas de Oeste e Sul e que, galgando os mares de todos os Adamastores que sofregamente os defendiam, finalmente, puderam ser cantados, de lés a lés, por um Poeta que imortalizou pela gesta da palavra, a glória dos que pelos feitos e pela própria morte sacralizaram o génio dos protagonistas da transmutação de tantas espaços onde, hoje – agora já senhores de si mesmos – ainda respiram, senão doutra forma, também pela língua, a marca do baptismo da primeira réstia de civilização cristã.

Ora, meus caros Amigos e Colegas, podemos dizer que, com o devido respeito, os Geógrafos de hoje são - ou deviam sentir - o peso de serem afinal os herdeiros de um protagonismo igual, adequado aos tempos que correm.

Mais, intervirem nos nossos tempos com o seu procurar e acrescentar o saber geográfico e, ao mesmo tempo, com os esses saberes acrescentados, saber aplicá-los, porque, como diria o Prof. Fernandes Martins, deviam considerar-se operários de uma obra inacabada por ser afinal um contínuo e diversificado devir onde a sua marca sempre poderá e deverá ser reconhecível.

Escrevi acima com o seu procurar e acrescentar o saber geográfico e, ao mesmo tempo, com os esses saberes acrescentados, saber aplicá-los. Escrevi-o de propósito.

Qualquer que seja a razão que presida à escolha consciente do cursar Geografia deve ter-se presente que ela, ou melhor, o conhecimento o mais correcto possível do espaço terrestre, foi um fundamental elemento - e não só biológico - dos mais primitivos dos hominídeos na sua luta vivencial pelo domínio desse mesmo espaço e que esse domínio, pela multiplicidade dos aspectos que o modelaram, foram os agentes da multiforme criação das paisagens e que estas, ao longo dos séculos, se foram alterando e modificando, em muitíssimos casos, em territórios *sui generis*.

Ainda hoje se revelam muitos dos elementos e pormenores que, diria simplesmente, integraram muitos dos sentidos civilizacionais que a Arqueologia e a História da Humanidade registaram.

Duas palavras mais para afirmar o que entendo ser importante no que respeita a estas heranças recebidas, acrescentadas, mas também, em muitos casos, deturpadas e desfocadas e destruídas

A história da Humanidade está cheia de avanços e de recuos, de auroras e de ocasos, de gestos sublimes e de execrandas violências.

Quando saímos no final de um curso universitário como o de Geografia devemos perguntar-nos: para que me serve isto?

Qualquer que seja a nossa íntima resposta creio que, para além do natural direito de ganhar a vida, é preciso logo fazermos a íntima pergunta: *estou preparado para ser útil*, isto é, basta *simplesmente saber Geografia ou é preciso também saber utilizar a Geografia?*

Todos nós, sobretudo os mais velhos, se lembram quanto era fastidiosa e estuprificante a “*importância*” de decorar todos os rios e os seus afluentes, as linhas de caminho de ferro e as estações e apeadeiros e outras torrentes de informações sem que nos explicassem o porquê desses factos, encaixados à força da repetição, que depois nos obrigavam a debitar como se fossem rosários de Avé-Marias e Padres-Nossos.

Perdoem-me, mas não posso deixar de falar do estudo dos Lusíadas através da divisão das orações, impedindo que as nossas almas ingénugas pudessem de beneficiar do sentido do mais belo panegírico da alma e da gesta portuguesa e mesmo da elegância e do transpirar de uma erudita culturaposta ao serviço de uma forma poética de contar a história do nosso Povo.

Saber Geografia, sem dúvida, é necessário, mas também neste caso o protagonismo dos Geógrafos deve ter um sentido pedagógico-didáctico mais consentâneo com a necessidade de abrir à inteligência dos alunos a verdadeira essência das matérias, quer dizer, é preciso saber fazer essa *transmissão* do que aprendemos e sabemos de forma a abrir-lhes as capacidades de se interrogarem e de se esforçarem de moto próprio por compreender e mediante uma atitude mais aberta e activa, discutindo e participando.

Porém, fora deste plano propriamente relacionado com a aprendizagem e a evolução do *Saber Geográfico*, como se pode e se deve transmitir - ou como eu prefiro dizer socraticamente, suscitar nos alunos, que é preciso pensar que o *Saber Geografia* tem também outros vastos horizontes em que o *saber fazer a aplicação da Geografia* não conta mais nem menos e é de certo modo ainda mais importante.

Refiro-me naturalmente à consciência – que deve ser cultivada – da importância do conhecimento do espaço geográfico concreto e considerado nas suas duas perspectivas, ou seja, a do conjunto dos factores físico-naturais e a dos condicionalismos de outra origem, como sejam aqueles que estão eminentemente ligados às componentes culturais – no mais amplo sentido humanístico – e que fazem iterativamente a realidade multifacetada das paisagens vivas e vividas da Ecuména.

Ora, este entendimento sedimenta-se sobre tudo na compreensão de aspectos básicos, a saber: a *gama dos múltiplos condicionalismos físico-naturais, a densidade da humanização e a profundidade das suas acções e, finalmente a perspectiva da implementação coerente das intervenções que possam vir a realizar-se como finalidade eticamente aceitável*.

Enfim, que queria eu dizer, para finalizar este, talvez atrevido, propósito? Ou talvez pertinente desafio?

Que é preciso que o reconhecimento do *Saber Geografia* seja sustentado também como um *saber fazer Geografia aplicada* às necessidades do devir das sociedades e dos espaços que as suportarão adequadamente.

Não posso considerar que o futuro das sociedades possa ser deixado às “*equações*” e “*contabilidades*” economicistas, às falsas fundamentações feitas no desconhecimento das realidades evolutivas que os espaços comportam, tanto quanto a variabilidade dos factores naturais como as que interferem por acções dos homens nos processos.

É a História da Geografia que em primeiro lugar nos exige esse respeito, esse cuidado, essa preocupação.

Não há protagonismo se não tivermos uma mentalidade de estrutura humanística coerente com o próprio devir do nosso Saber Geografia, nem a consciência fundamentada tanto no “*transmiti-la*” como no “*aplicá-la*”.

Guimarães, 14 de Outubro de 2004

J. M. Pereira de Oliveira
Prof. Catedrático Jubilado da Universidade de Coimbra